

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

# BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014

## A Indústria Naval como meio de competição entre Estados Unidos da América e China

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



# BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 199 • 28 de Março de 2024

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Navio Estadunidense USS Barry \(DDG 52\)](#)

Por: Marinha dos Estados Unidos

Fonte: Flickr

## CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.  
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil  
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: [geocorrentenac@gmail.com](mailto:geocorrentenac@gmail.com)

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontradas na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

## CONSELHO EDITORIAL

### DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante Gustavo Calero Garriga Pires

### SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

### EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

### EDITOR CIENTÍFICO

Prof. Dr. Rafael Zelesco Baretto (EGN)

### EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

### DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)

### TRADUÇÃO

Lucas Salles Pithon Macedo (UFRJ)



**ÁFRICA SUBSAARIANA**

Carolina Vasconcelos de Oliveira Silva (PUC-Rio)  
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)  
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)  
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)  
José Ricardo de Oliveira Araujo (UFRJ)  
Luísa Barbosa Azevedo (UERJ)  
Mariana Bastos Fraguito (UFRJ)  
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)  
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

**AMÉRICA DO SUL**

Bruna da Silveira Eloy (UFRJ)  
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)  
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)  
Luciano Veneu Terra (UFF)  
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)  
Rafael Henrique de Almeida Bandeira Araujo (UFRJ)

**AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL**

Gabriel Paradela Heil (UFRJ)  
Kaike Ferreira Mota (UFRJ)  
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)  
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)  
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

**ÁRTICO & ANTÁRTICA**

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)  
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)  
Jayanne Balbino Soares (UFF)

**EUROPA**

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)  
Maria Victoria R. Scarlatelli de Menezes (PUC-Rio)  
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)  
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)  
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

**LESTE ASIÁTICO**

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)  
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)  
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)  
Philipe Alexandre Junqueira (UERJ)  
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)  
Thomas Dias Placido (UFSC)

**ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA**

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)  
João Gabriel Fischer Morais Rego (ECEME)  
Maria Clara Vieira Schneider Vianna (UFRJ)  
Melissa Rossi (Suffolk University)  
Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)  
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

**RÚSSIA & EX-URSS**

Gabriel Willian Duarte Constantino (UFRJ)  
José Gabriel de Melo Pires (ECEME)  
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)  
Pedro Mendes Martins (ECEME)  
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)  
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

**SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA**

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)  
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)  
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)  
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

**SUL DA ÁSIA**

Eduardo Araújo Mangureira (PUC-Rio)  
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)  
Lucas Mitidieri (UFRJ)  
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)  
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)  
Renan Guimarães Canellas de Oliveira (PUC-Rio)

**TEMAS ESPECIAIS**

Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)  
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

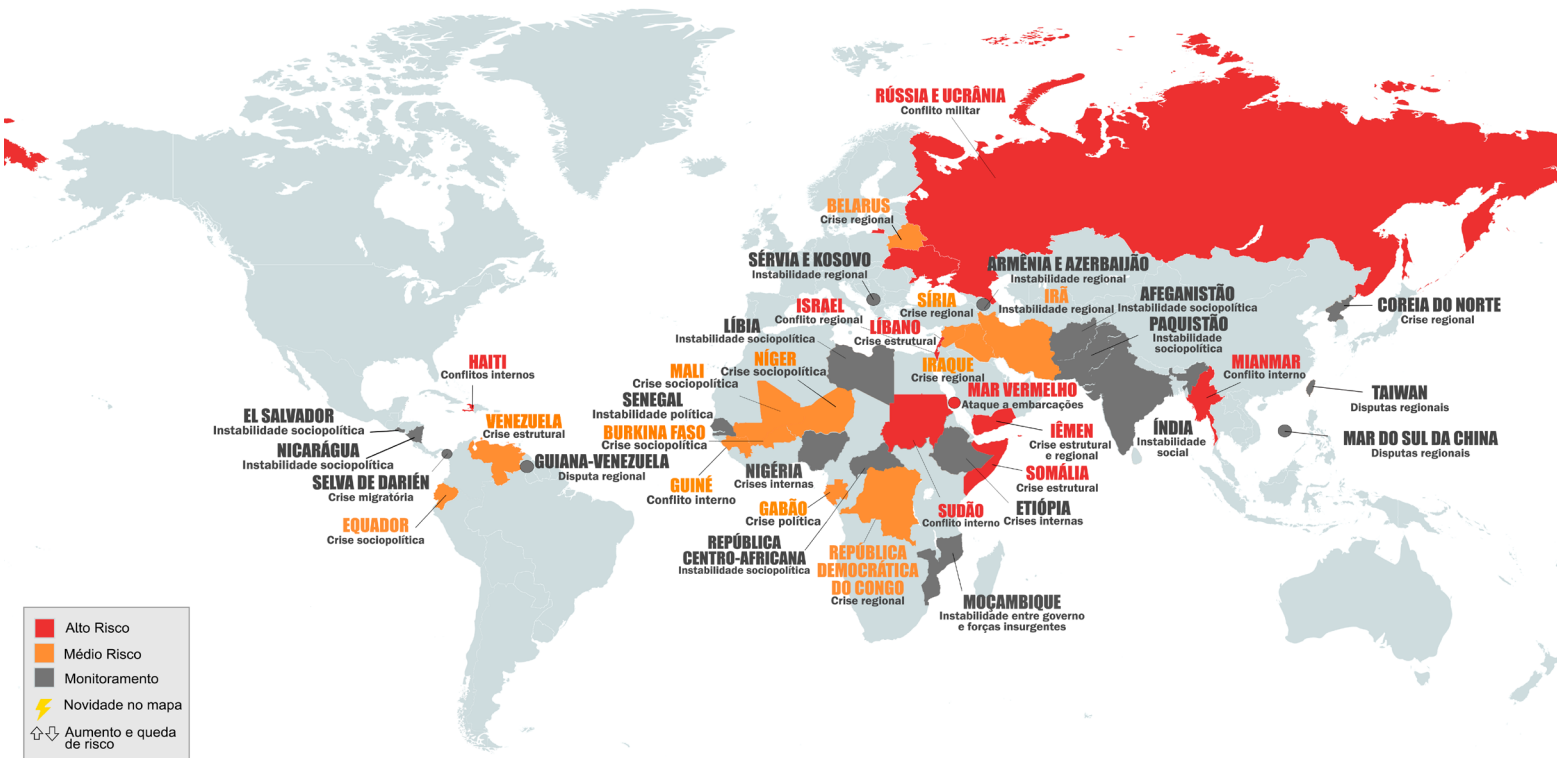


# SUMÁRIO

<p><b>AMÉRICA DO SUL</b></p> <p>O impacto geopolítico da criação do Porto peruano de Chancay ..... 5</p> <p>A incerteza dos Direitos Humanos no Território Venezuelano: o que esperar? ..... 6</p> <p><b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b></p> <p>A Indústria Naval como meio de competição entre Estados Unidos da América e China ..... 7</p> <p><b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b></p> <p>Danos a cabos submarinos como fator de risco para o desenvolvimento econômico africano ..... 8</p> <p><b>EUROPA</b></p> <p>A interconexão entre conflitos no Mar Vermelho e a economia do Reino Unido ..... 9</p> <p><b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b></p> <p>Instabilidade interna do Irã: atuação contra o grupo armado Jaish al-Adl ..... 10</p> <p><b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b></p> <p>Avanços do Azerbaijão em sua estratégia de transição energética ..... 11</p>	<p><b>LESTE ASIÁTICO</b></p> <p>Além da Defesa? A nova estratégia japonesa de exportação de armas ..... 12</p> <p>Reinserção regional norte-coreana ..... 13</p> <p><b>SUL DA ÁSIA</b></p> <p>A disputa sino-indiana nas Maldivas e sua implicação para a Região do Oceano Índico ..... 14</p> <p><b>SUDESTE ASIÁTICO &amp; OCEANIA</b></p> <p>Indonésia e Austrália prometem maior acordo em defesa de suas histórias ..... 15</p> <p><b>TEMAS ESPECIAIS</b></p> <p>Cabos submarinos no contexto de conflitos: riscos à comunicação internacional ..... 16</p> <p>Artigos Seleccionados &amp; Notícias de Defesa ..... 17</p> <p>Calendário Geocorrente ..... 17</p> <p>Referências ..... 18</p> <p>Mapa de Riscos ..... 19</p>
--	--

## PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Kaike Mota



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19

## O impacto geopolítico da criação do Porto peruano de Chancay

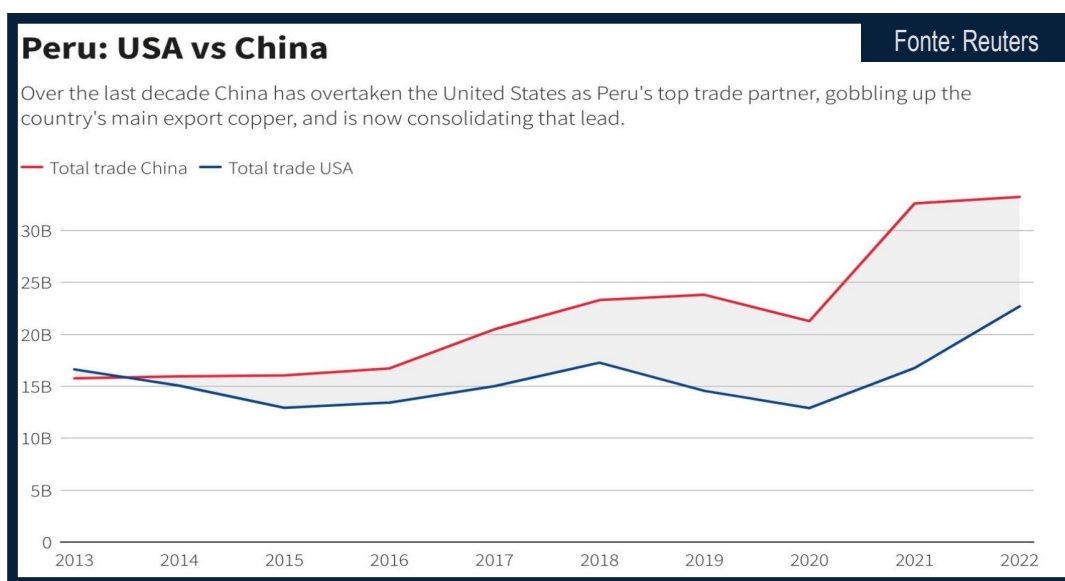
Kaike Mota

Iniciada em 2011, a construção do Porto de Chancay faz parte do projeto peruano de aumentar o seu protagonismo no comércio mundial ([Boletim 163](#)). O terminal de águas profundas possibilitará a atracação de navios cargueiros de grande porte, como embarcações da classe “Triple-E”, capazes de transportar mais de 18 mil TEUs (unidade equivalente a um contêiner de vinte pés), e contará com quatro cais, com possibilidade de ampliação. Tal iniciativa aponta que o governo peruano pretende construir em seu território uma rota alternativa no Pacífico. Dessa forma, é interessante analisar quais serão os impactos da construção do Porto de Chancay para a região e para o comércio marítimo internacional.

Em primeira análise, salienta-se que o Porto de Chancay está sendo financiado pela empresa chinesa *COSCO Shipping*. A China é um importante ator no comércio internacional e utiliza como estratégia a ampliação da sua presença no Ocidente, sobretudo no Sul Global. Segundo o relatório do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS, sigla em inglês), a potência asiática aumentou em 26 vezes o comércio com a América do Sul, resultando em US\$ 315 bilhões de ganhos com exportações nas últimas duas décadas. Outro fator relevante é a preocupação dos Estados Unidos da América (EUA) com os avanços chineses na região, dada sua histórica influência no subcontinente.

Em março de 2024, autoridades brasileiras e peruanas se reuniram no Terminal Portuário de Chancay para discutir a possibilidade de exportação e importação de mercadorias brasileiras pelo porto. A possível cooperação seria uma alternativa interessante ao Canal do Panamá, que enfrentou secas severas em 2023, prejudicando o comércio marítimo global. O acordo seria benéfico ao Brasil, por garantir mais um acesso do país ao Pacífico, e ao Peru, pela intensificação das parcerias comerciais na América do Sul. Chancay também pode favorecer o comércio do Peru com países vizinhos, como Bolívia — esta, inclusive, não possui acesso soberano ao mar —, Chile e Colômbia. Estes dois últimos se destacam por serem importantes exportadores de minerais estratégicos, como lítio e cobre.

O prazo de conclusão das obras do Porto de Chancay é o final de 2024. O projeto apresenta importantes impactos geopolíticos, principalmente no que concerne à disputa entre China e EUA e à cooperação Brasil-Peru, para facilitar o acesso à via do Pacífico, trazendo-se ganhos de ordem comercial e financeira. Por fim, conclui-se que, com o porto, o Peru poderá impulsionar sua participação no comércio marítimo, obtendo ganhos financeiros, maior visibilidade no âmbito internacional e alianças comerciais importantes ao país e à região.



## A incerteza dos Direitos Humanos no Território Venezuelano: o que esperar?

Gabriel Augusto

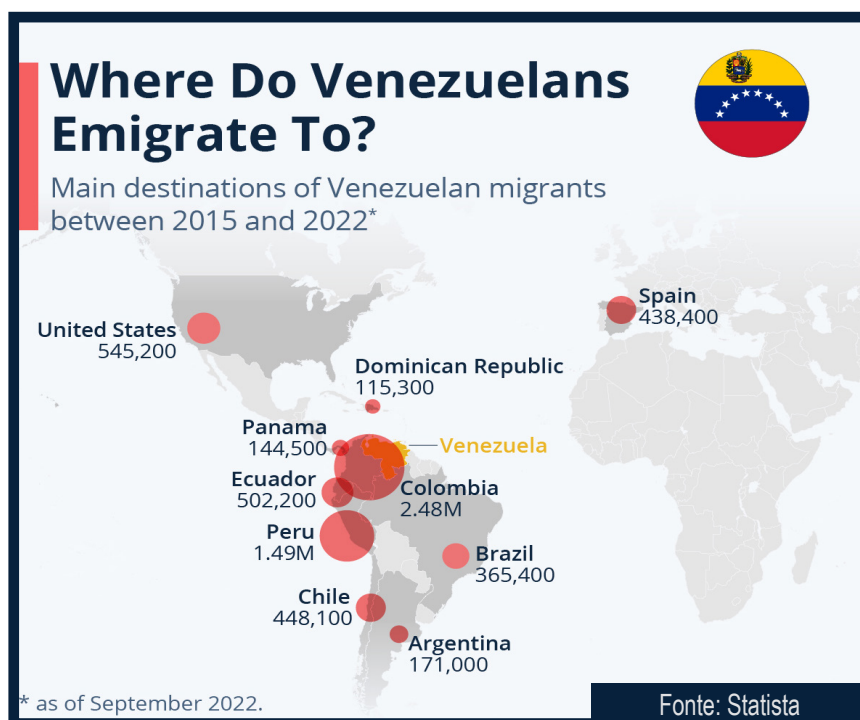
A Venezuela, sob a gestão de Nicolás Maduro desde 2013, vivencia uma realidade composta de sucessivas crises, com destaque às questões relacionadas aos Direitos Humanos. Em fevereiro de 2024, um novo capítulo se desdobrou, com a expulsão dos funcionários do Alto Comissariado para os Direitos Humanos das Nações Unidas (ACDH), presentes no país desde 2019. O governo venezuelano alegou parcialidade vinda da entidade da ONU e apoio a grupos que “ameaçam a segurança nacional”. Entretanto, o país reiterou seu compromisso com os padrões internacionais de Direitos Humanos, inclusive com a ACDH. Diante desse cenário, questiona-se: como os reflexos desse evento podem trazer à tona a situação da proteção dos Direitos Humanos no território venezuelano?

Em 2019, em meio às pressões crescentes devido a investigações das Organizações das Nações Unidas (ONU) sobre denúncias de violações de direitos humanos, Maduro concordou com a instalação do escritório do ACDH na Venezuela. Segundo Nicolás Maduro, a entidade mostraria a real situação do país, pondo fim à "visão seletiva e abertamente tendenciosa da verdadeira situação dos Direitos Humanos". Contudo, mesmo após a instalação do escritório, inúmeros casos de perseguições políticas e detenções arbitrárias continuaram a ocorrer. Em fevereiro de 2024, ocorreu a prisão da ativista venezuelana Rocío San Miguel por suspeita de traição

e fornecimento de informações sensíveis a diplomatas estrangeiros, em um episódio que foi qualificado pelo ACDH como "desaparecimento forçado". Em consequência, no mesmo mês, o chanceler venezuelano Yván Gil anunciou a expulsão do país dos 13 integrantes da equipe do escritório da ONU, alegando ameaça à soberania nacional.

No entanto, durante a 55ª Sessão do Conselho de Direitos Humanos da ONU, realizada após a expulsão dos funcionários do país, Yván reafirmou o compromisso da Venezuela em colaborar com o escritório, desde que os princípios de não interferência e respeito mútuo sejam mantidos. Isso destaca a contradição do governo Maduro, que tenta mostrar cooperação com a ONU, mas ao mesmo tempo enfrenta graves problemas internos, como pobreza, migração e inflação a níveis expressivos, além de considerar como inimigos nacionais todos aqueles que se manifestam contra seu governo.

Portanto, nota-se que o governo Maduro vem criando obstáculos às entidades que visam à promoção e à proteção dos Direitos Humanos, perpetuando uma postura repressiva que leva a questionamentos sobre sua legitimidade. Ademais, esse contexto cria um ambiente propício a violações contínuas de uma população que enfrenta a pobreza, o que pode intensificar ainda mais a geração de refugiados que se deslocam para países vizinhos, como o Brasil.



A Indústria Naval como meio de competição entre Estados Unidos da América e China

Luísa Barbosa Azevedo

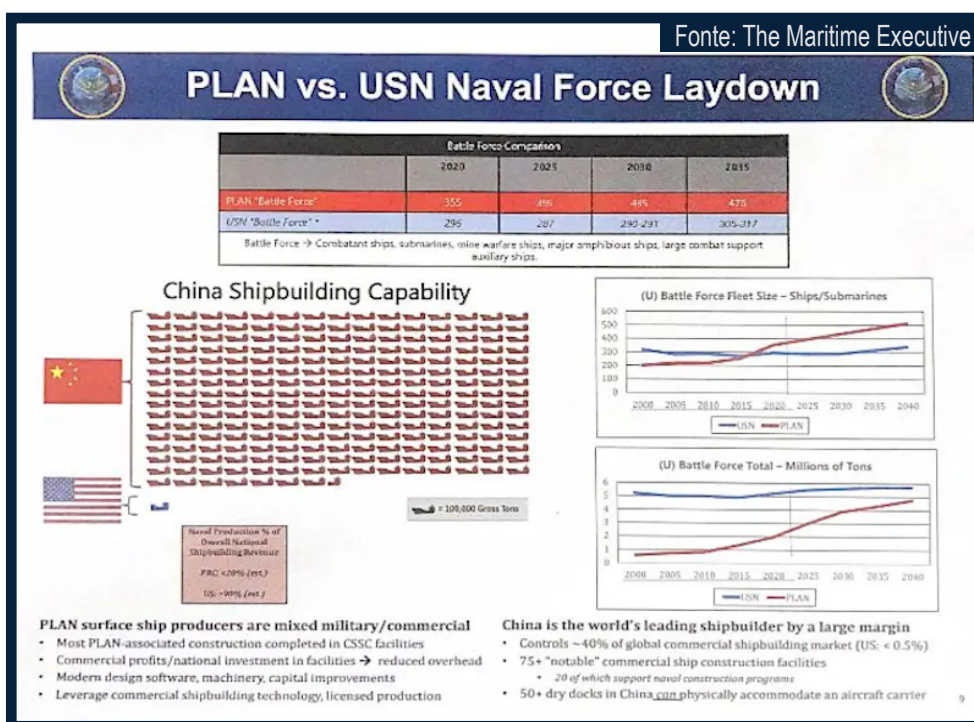
Shipping é o principal meio para o trânsito de bens e materiais no comércio internacional. Essa atividade e a garantia da livre navegação são essenciais para o desenvolvimento e a segurança nacional. No contexto de competição econômica entre Estados Unidos da América (EUA) e China, a capacidade de manutenção do poder marítimo é primordial para os interesses nacionais dos dois atores. Em 12 de março de 2024, o sindicato *United Steelworkers*, maior sindicato industrial dos EUA, apresentou uma petição para suporte estatal e medidas protecionistas na indústria de construção naval estadunidense, acusando a China de práticas e políticas discriminatórias no mercado marítimo, logístico e da indústria naval. Ademais, pedem pela criação de um Fundo de Revitalização da Construção Naval. Assim, como a indústria de construção naval se insere na competição entre EUA e China?

A indústria naval dos EUA vem diminuindo sua capacidade competitiva desde a década de 1980, com a retirada de subsídios durante a administração de Ronald Reagan (1981-1989). Concomitantemente, a China triplicou sua capacidade industrial naval nos últimos 20 anos, tendo cerca de 46% da capacidade global. Segundo o Gabinete de Inteligência Naval dos EUA, a China atualmente tem 232 vezes a capacidade de construção naval dos EUA. Além disso, destaca-se a expressiva produção tecnológica chinesa, desde embarcações até *softwares* logísticos. O declínio da competitividade

estadunidense está ligado também à externalização de sua indústria e a baixos investimentos quando em comparação a atores asiáticos da construção naval.

Os EUA buscam, então, medidas para nivelar a competição na indústria naval, sendo ela um setor estratégico de impacto global na disputa de poderio comercial e militar. Em janeiro de 2024, o governo estadunidense lançou sua primeira Estratégia Industrial de Defesa. O documento contém quatro prioridades para alcançar uma base industrial de defesa do século XXI: cadeias de abastecimento resilientes, preparação da força de trabalho, aquisição flexível e dissuasão econômica. Além disso, a administração Biden aprovou, no orçamento de Defesa para 2025, US\$ 2 bilhões em melhorias na infraestrutura crítica naval, e também emitiu uma ordem executiva para reforçar a segurança cibernética em portos dos EUA.

Explicita-se, portanto, que uma indústria naval comercial e viável está estritamente ligada à segurança nacional e à influência no cenário internacional. Os EUA, tendo a competição econômica com a China como norteadora da sua Estratégia de Segurança Nacional, tem na indústria naval uma desvantagem comparativa. Dessa maneira, incentivos à indústria de construção naval estadunidense e a indústrias críticas ligadas a ela são essenciais para a retomada do desenvolvimento da sua Base Industrial de Defesa.



## Danos a cabos submarinos como fator de risco para o desenvolvimento econômico africano

Isadora Jacques

Pelo menos oito países da costa ocidental do continente africano enfrentaram uma prolongada interrupção da conexão de internet nos dias 14 e 15 de março de 2024, relacionada a danos em cabos submarinos de telecomunicações. Cabos submarinos são infraestruturas críticas de significativa importância estratégica, suportando cerca de 98% do tráfego global de dados (Boletim 137). A interrupção atingiu os Sistemas de Cabos *West Africa*, *MainOne*, *South Atlantic 3* e *ACE* – todos considerados artérias continentais essenciais para a transmissão de dados de telecomunicações. A interconexão africana é um elemento-chave para o desenvolvimento econômico do continente, e é necessário questionar os efeitos dos danos às infraestruturas críticas do continente na era digital.

Seguindo a tendência global motivada pela digitalização, diversas companhias africanas dependem majoritariamente da internet para operar. A instalação e a manutenção dessas infraestruturas são administradas por empresas privadas e utilizadas para transações financeiras, comunicação militar e transmissão de uma gama de informações críticas (Boletim 137). Os efeitos da redução observada mediante a falta de conexão interromperam o fluxo das operações do setor bancário e geraram efeitos cascata na economia, podendo ser considerados como fatores de risco para o investimento em operações de larga escala no continente.

Ademais, a África é o continente que, em proporção,

mais cresce em termos de população e economia, de forma que projetos robustos de interconexão já estão sendo implementados como ferramentas de instrumentalização política e infraestrutura econômica (Boletim 153). O projeto *2Africa* – propriedade de um consórcio liderado pela *Meta* –, por exemplo, consiste em um cabo submarino que liga três continentes e 33 países africanos, que deve começar a operar no primeiro trimestre de 2025. Com 45.000 km, esse é o cabo submarino mais longo do mundo, e deverá ligar cerca de 1,3 bilhão de pessoas e aprofundar a penetração das conexões 4G e 5G em locais remotos. Segundo a União Internacional de Telecomunicações, estima-se que, em média, um aumento de 10% na penetração da banda larga móvel resultaria no aumento de 1,5% do PIB mundial. Isso porque esse aumento de penetração levaria a geração de empregos nas populações mais jovens, assim como retenção de talentos e desenvolvimento nos setores de tecnologia e inovação.

Os desdobramentos econômicos dessa interrupção na conexão do continente devem se tornar um alerta para os países africanos que ainda não avaliaram a relevância de incluir a proteção das infraestruturas críticas do ciberespaço em suas estratégias de segurança nacional. Isso porque, como supracitado, essa falta de proteção representa riscos para o investimento em operações econômicas no continente.





## A interconexão entre conflitos no Mar Vermelho e a economia do Reino Unido

Millene Santos

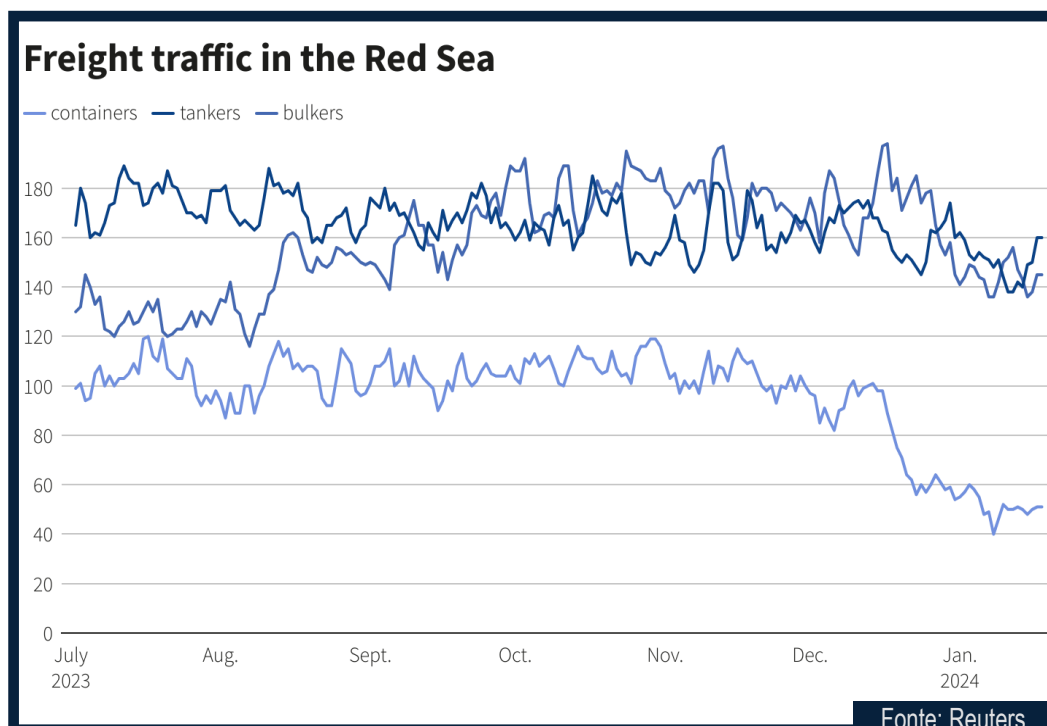
O conflito no Mar Vermelho tem motivações complexas e diversas implicações geopolíticas. Os ataques realizados pelos rebeldes Houthi, que controlam parte do noroeste do Iêmen, têm como alvo navios mercantes e militares com supostas ligações com Israel ([Boletim 195](#)). Com o Canal de Suez sendo uma rota vital para o comércio internacional, as ações contra o transporte marítimo tem causado perturbações nas cadeias de suprimentos globais. Isso posto, cabe questionar: quais são as implicações geopolíticas dos ataques houthis no Mar Vermelho e como eles afetam a economia britânica?

As interrupções no transporte marítimo estão gerando preocupações significativas para as companhias britânicas, especialmente para aquelas que dependem do comércio internacional e da importação de mercadorias. O aumento nos preços das rotas de comércio impacta diretamente os custos de importação para as empresas britânicas, o que resulta em um aumento de preços para os consumidores. Sobre isso, uma pesquisa da Câmara de Comércio Britânica indicou que algumas empresas reportaram aumentos de 300% para aluguel de contêineres, e atrasos logísticos de três a quatro semanas sobre os prazos de entrega originais. As empresas também relataram outros efeitos, como dificuldades de fluxo de

caixa e escassez de componentes nas linhas de produção.

Com isso, os impactos econômicos se estendem para além das empresas diretamente envolvidas no comércio marítimo. Apesar de ter iniciado o ano de 2024 com um cenário promissor, os fabricantes britânicos enfrentam desafios devido ao impacto inflacionário das tensões no Mar Vermelho. Além disso, essa situação econômica desafiadora tem colocado pressão política sobre o primeiro-ministro do Reino Unido, e a população e os líderes da oposição têm questionado a capacidade de o governo lidar efetivamente com os impactos econômicos e proteger os interesses das empresas e dos cidadãos.

Em suma, a crise no Mar Vermelho está tendo um impacto significativo sobre as empresas e a economia do Reino Unido. Altos custos de transporte, atrasos nas cadeias de suprimentos e aumento da inflação são apenas alguns dos desafios enfrentados pelas empresas britânicas, tornando-se crucial que se adaptem e busquem alternativas de transporte para mitigar os impactos. Nesse mesmo contexto, autoridades econômicas e governamentais têm o desafio de adotar medidas apropriadas para apoiar as empresas afetadas e garantir a estabilidade econômica do país.



## Instabilidade interna do Irã: atuação contra o grupo armado Jaish al-Adl

João Gabriel Fischer Morais Rego

Nas últimas décadas, o Irã tem sofrido com grande instabilidade interna por diversos fatores, como protestos contra o regime político e ações de grupos armados. Nesse contexto, é necessário observar que atores não estatais, como o Jaish al-Adl, realizaram operações contra as Forças de Segurança iranianas ao longo dos anos. Mais recentemente, as ações do grupo provocaram uma ampliação das preocupações de Teerã, gerando-se uma reação do governo. Em meio a esse cenário, esta análise visa explorar quais fatores ajudam a explicar as operações iranianas contra o Jaish al-Adl no Paquistão.

O grupo tem operado tanto na área do Sístão-Baluchistão, no Irã, quanto no Baluchistão, no Paquistão, defendendo o discurso de melhorias na qualidade de vida da população. Nos últimos anos, as tensões entre o Jaish al-Adl e Teerã aumentaram e, em dezembro de 2023, a rede de notícias *Al Jazeera* divulgou que o grupo havia atacado uma delegacia da polícia iraniana, provocando a morte de agentes, entre outras ações. O Jaish al-Adl já é considerado uma organização terrorista pelo Irã, e suas operações preocupam Teerã quanto à sua segurança territorial. Isso ocorre devido à própria atuação do Jaish al-Adl, mas também por potencialmente mostrar certa permissibilidade das ações de outros grupos armados, como o Estado Islâmico ([Boletim 196](#)).

Nesse contexto, em janeiro de 2024, o Irã realizou uma operação contra as instalações do Jaish al-Adl no Baluchistão — território paquistanês —, utilizando mísseis e drones para afetar as estratégias do grupo e conter suas ações devido ao temor da possibilidade de ataques contra seus interesses. Vale destacar que esse evento demonstra a capacidade de atuação regional do Irã, e que pode se relacionar à tentativa de dissuadir a ocorrência de outros ataques. Segundo análises da *Al Jazeera*, essas movimentações de Teerã provocaram reações do regime paquistanês, que realizou operações contra outros grupos no território iraniano (*Balochistan Liberation Front* e *Balochistan Liberation Army*). Apesar desses eventos, as tensões diminuíram, possivelmente porque os alvos das operações são grupos paramilitares, e não os próprios atores estatais.

Portanto, o Irã atua para conter as operações de grupos armados no país, não se limitando somente a seu território, demonstrando sua capacidade de ação externa, como pode ser visto na operação realizada no Paquistão. Em relação à sua atuação internacional, observa-se a empreitada como sendo uma forma de dissuasão para conter a ação de outros atores não estatais, objetivando alcançar a estabilidade interna.



## Avanços do Azerbaijão em sua estratégia de transição energética

Luiza G. Guitarrari

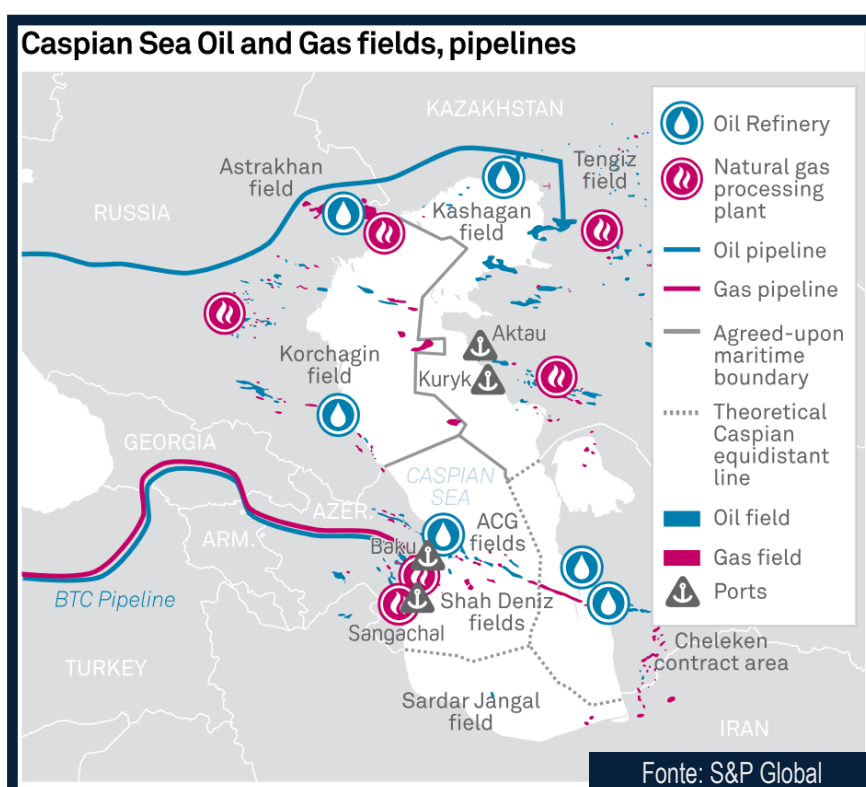
O Azerbaijão é um país com longa tradição no setor energético, sobretudo na produção de petróleo e gás. Embora possua um mercado de hidrocarbonetos menor que outros países do espaço pós-soviético, como Cazaquistão e Rússia, o Estado azeri tem ganhado destaque internacional por seus investimentos em energia de baixo carbono e pelo fornecimento de gás para o Ocidente. Assim, como o Azerbaijão pode aumentar sua influência na Geopolítica da Energia nos próximos anos?

Entre os dias 11 e 24 de novembro de 2024, o Azerbaijão sediará a 29ª Conferência das Partes da ONU (COP 29), sendo a primeira vez que a Conferência acontecerá em um Estado que fez parte da União Soviética. Nesse ínterim, a nação posicionará as pautas climática e energética como prioridades em sua agenda para 2024, tendo declarado o presente período, no início de março, como o “Ano da Solidariedade Mundial Verde”. Entre os projetos que serão apresentados na COP está a expansão da produção de energias renováveis até 2030, inclusive com projetos de empreendimentos eólicos *offshore* no Mar Cáspio. Desse modo, a motivação do país do sul do Cáucaso para sediar a Conferência, além de contribuir para o avanço da agenda climática global, deve-se a motivações econômicas e políticas.

Para tanto, o país tem buscado estreitar laços comerciais

e energéticos com importantes mercados de consumo de energia, como a União Europeia (UE). No último ano, o Azerbaijão exportou cerca de 12 bilhões de metros cúbicos de gás para o bloco europeu, o que representou um aumento de 50% em relação a 2022. Embora as receitas de petróleo e gás participem em quase 92% das receitas azeris totais, para os próximos anos o Azerbaijão espera contar com parceiros no Ocidente para atrair novos investimentos para projetos de baixo carbono. Aqueles investimentos voltados a energias renováveis se apresentam como alternativa mais viável, vide seu potencial de 135 *gigawatts* em terra e 157 *gigawatts* no mar. Desse modo, a reunião Ministerial do Conselho Consultivo para a Energia Verde UE-Azerbaijão, ocorrida no início de março, trouxe avanços significativos para a agenda verde de ambos os atores, além de estabelecer um memorando de entendimento sobre energia eólica.

Portanto, o Azerbaijão pode se tornar um articulador da pauta climática e de transição energética na Eurásia, além de redefinir prioridades na região e estreitar o diálogo entre países ocidentais e orientais. Nesse sentido, o Estado poderia se valer de suas potencialidades energéticas para captar novos negócios e impulsionar sua economia ao se estabelecer enquanto um aliado no fornecimento de energia.



DOI 10.21544/2446-7014.n199.p11.

Além da Defesa? A nova estratégia japonesa de exportação de armas

Thomas Dias Placido

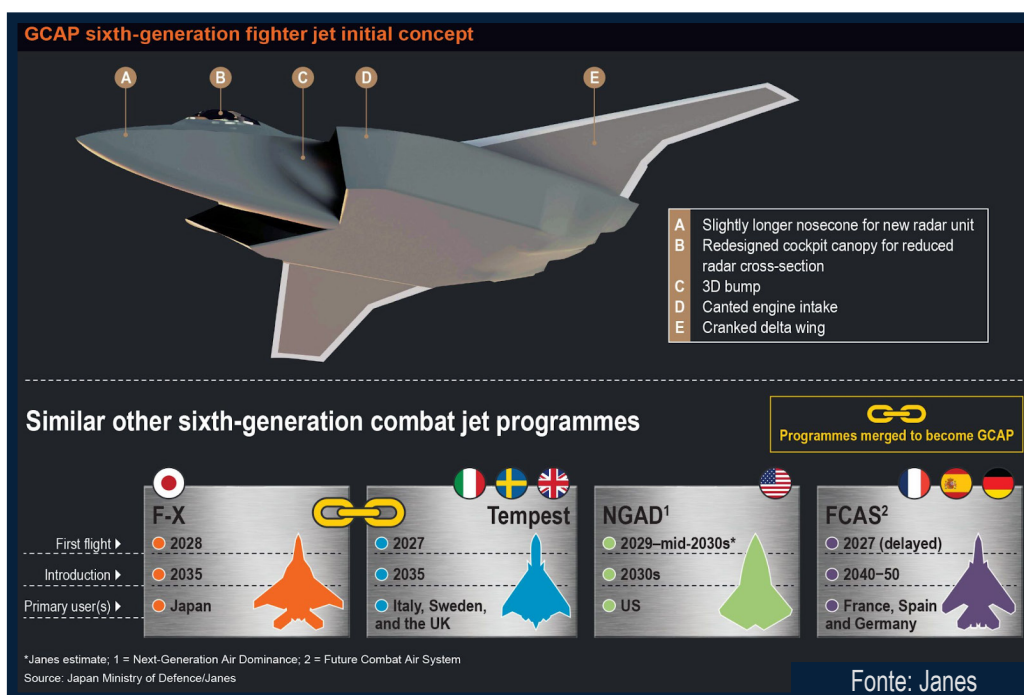
Em 1967, o Japão restringiu a exportação de armamentos para Estados pertencentes ao bloco socialista, sob sanções das Nações Unidas ou envolvidos em disputas. Anos mais tarde, em 1976, o governo expandiu essa restrição para todos os países, proibindo também a exportação de tecnologia militar. Entretanto, apesar de certas restrições, Tóquio vem promovendo uma reorientação significativa de sua política de exportação de defesa, como sinalizado pelo acordo multinacional com Itália e Reino Unido para o desenvolvimento do novo caça de sexta geração. Isto posto, qual é o impacto do programa sobre a recente militarização do país e sua estratégia de exportação de armamentos?

Em primeiro lugar, o *Global Combat Aircraft Program* (GCAP), como ficou conhecido em 2022, afeta o Japão política e economicamente. Desde novembro de 2023, a coalizão governante do Japão — formada pelo Partido Liberal Democrático (PLD) e o Komeito — enfrentou um dilema sobre o andamento do programa, uma vez que o projeto só é viável financeiramente se os caças forem exportados, implicando numa revisão minuciosa das restrições ainda em vigor no país. Após discussões, o Komeito, partido budista alinhado ao pacifismo, acordou no dia 15 de março que só permitirá vendas internacionais do jato para países que assinaram acordos de transferência de equipamentos de defesa e tecnologia com o Japão, excluindo aqueles envolvidos

em conflitos — assim enfraqueceu a posição inicial do PLD de extinguir as restrições completamente.

Apesar das limitações mantidas sob o atual acordo, o caça supersônico poderá ser exportado em 2035 para, no mínimo, 15 países parceiros. Entretanto, é provável que esse número cresça nos próximos 11 anos, à medida que o Japão continua a rapidamente robustecer sua rede de parceiros de segurança. Destaca-se que os benefícios econômicos tendem a gerar o tão desejado efeito *spillover* à incipiente indústria de exportação de defesa de Tóquio ([Boletim 195](#)), assim como o impulso reputacional necessário para as relações civil-militares do país. Consequentemente, ao mesmo tempo que o efeito multiplicador do programa permite maior flexibilidade para Tóquio se tornar um exportador "normal" de tecnologia em defesa, o pacifismo constitucional continua a ruir.

Nota-se, portanto, que a atual proposta do Gabinete do Premiê Kishida visa equilibrar interesses securitários e oportunidades econômicas em consonância com a economia de defesa nacional e suas potencialidades dissuasórias, mesmo que esse movimento sinalize um desgaste político com o Komeito — indicando uma tendência em direção a alterações na política exclusivamente voltada à Defesa, ao passo que o país continua a abandonar o restante das restrições do antimilitarismo pós-guerra.



## Reinserção regional norte-coreana

Maria Eduarda Parracho

Após longos períodos de isolamento, sobretudo após a crise causada pela pandemia de COVID-19, gradativamente a Coreia do Norte busca fortalecer seus laços com antigos aliados regionais para renovar suas credenciais diplomáticas. São notórios os impactos da crise humanitária envolvendo o período pandêmico e as sanções mais restritivas impostas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. Buscando a resolução dessas questões e da modernização dos mísseis de médio e longo alcance, uma delegação do Partido dos Trabalhadores do país foi enviada à China para uma reunião realizada no último dia 21 de março. Após o encontro, a delegação também passará pelo Vietnã e pelo Laos. Tendo-se em vista o isolamento político norte-coreano, vale destacar qual é a importância desse esforço diplomático para a estabilidade do país.

Durante a pandemia de COVID-19, as duras medidas restritivas que resultaram no fechamento quase total da fronteira ao norte com a China fez com que o país se tornasse ainda mais isolado no cenário internacional. Essa ação, além de praticamente anular o fluxo de pessoas entre os dois países, diminuiu drasticamente os fluxos comerciais, que entre janeiro e fevereiro fizeram com que as exportações da China para a Coreia do Norte, maior parceiro comercial norte-coreano, diminuíssem em 13,5%. Sem a ajuda internacional, esse isolamento resultou no agravamento da crise humanitária marcada pela insegurança alimentar. Esses últimos esforços

diplomáticos com a China, que marcam “o novo capítulo histórico das relações bilaterais”, prometem flexibilizar essa adversidade fronteiriça a partir do apoio humanitário e comercial de Pequim.

Além disso, nesse encontro, representantes do Partido Comunista chinês reafirmaram a parceria estratégica com Pyongyang a fim de promover a paz e a estabilidade internacionais. Tal parceria é favorável às partes, considerando-se que elas são vistas com desconfiança pelo Ocidente no que tange à Segurança. Enquanto a aliança militar trilateral entre a Coreia do Sul, os Estados Unidos e o Japão consolida-se com a intensificação de exercícios navais combinados e o intercâmbio tecnológico-militar, Pyongyang sofisticou seus meios de dissuasão, como os mísseis hipersônicos — que já estão em testes avançados. Em contrapartida, a China, que oficialmente é contrária à formação de alianças militares, repudia fortemente essa aliança trilateral, julgando intensificar a instabilidade regional.

Portanto, esse engajamento diplomático norte-coreano, principalmente com seu principal parceiro regional, demonstra a normalização das relações sino-coreanas, além de ser imprescindível para a atenuação da crise do país, o qual é visto como um pária internacional. Para Pequim, a aliança estratégica com Pyongyang ainda se mostra favorável devido à convergência política e à comum desconfiança militar que as partes sofrem pelo Ocidente.



## A disputa sino-indiana nas Maldivas e sua implicação para a Região do Oceano Índico

Maria Fernanda Császár

Situadas no Oceano Índico, as Maldivas são um conjunto de ilhas, com cerca de 500.000 habitantes e uma economia dependente do turismo. Durante décadas, a capital do arquipélago, Male, demonstrou certa preferência pelas relações com a Índia, incentivando turistas indianos e se beneficiando de obras de infraestrutura financiadas por Nova Delhi. Todavia, desde o final de 2023 o atual presidente, Mohamed Muizzu, tem se afastado do país sul-asiático, e, paralelamente, fortalecido as relações com a China. Diante disso, é necessário considerar as implicações para os interesses estratégicos da Índia na Região do Oceano Índico (ROI).

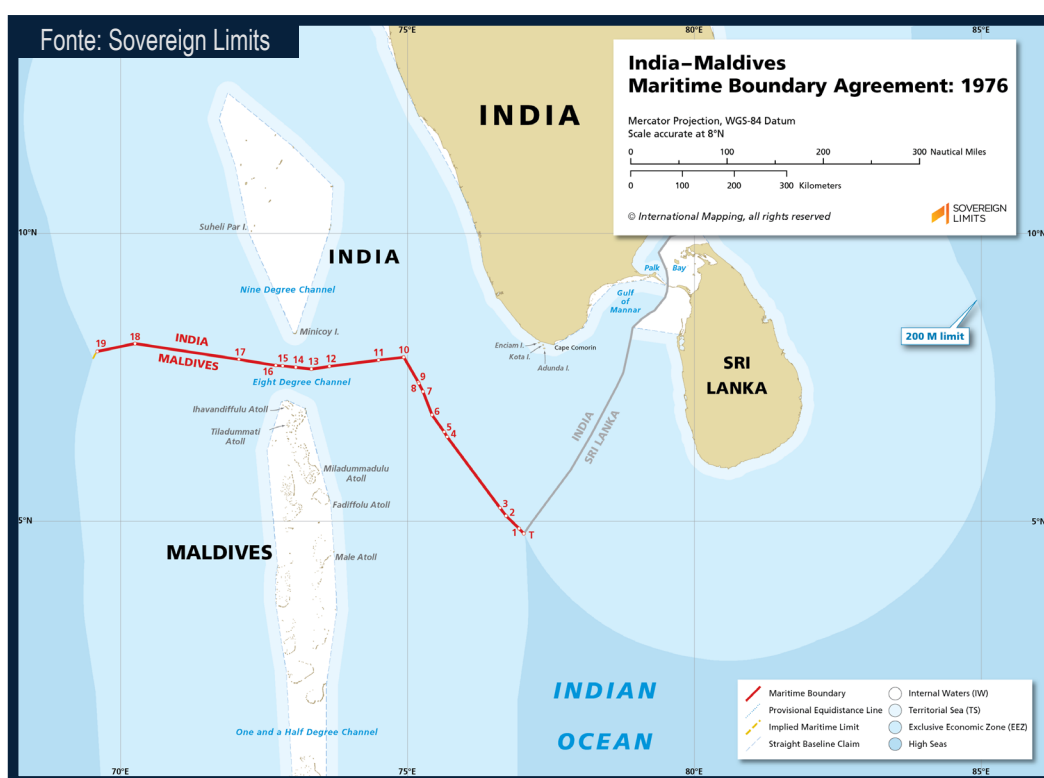
Com uma localização geográfica privilegiada e uma Zona Econômica Exclusiva de 859.000 km<sup>2</sup>, o arquipélago tem se tornado uma importante peça para os países da ROI. Para Nova Delhi, esses fatores se tornam relevantes enquanto a potência sul-asiática almeja promover uma maior integração na região através da política de “*Security and Growth for All in the Region*”, via acordos militares e econômicos. Para Pequim, Male é um importante ponto de apoio para garantir a segurança das rotas marítimas que abastecem a China, especialmente as exportações de petróleo que passam pelo Mar Vermelho.

No início de 2024, o presidente exigiu a retirada das tropas indianas situadas no arquipélago, ao mesmo

tempo que assinou um conjunto de acordos de Defesa com Pequim. Em resposta, a Marinha indiana divulgou planos para construção da base “INS Jatayu”, localizada a apenas 130 km das Maldivas. Visando garantir maior monitoramento operacional da ROI, a base também pode representar uma tentativa indiana de mitigar a presença chinesa na região, a qual tem se tornado cada vez mais intensa (Boletim 193).

Ademais, as relações econômicas entre Índia e Maldivas são marcadas por um alto grau de dependência. Ao final de 2023, o arquipélago devia cerca de US\$ 409 milhões a Nova Delhi, o que tem impactado significativamente a economia das ilhas. Diante disso, no mês de março, Muizzu expressou o desejo ao Governo indiano para que facilitasse o pagamento das dívidas e que, apesar das tensões, não tinha interesse em suspender os projetos indianos no arquipélago.

Nesse sentido, a triangulação entre os países envolve um complexo cálculo estratégico. Uma vitória total da China sobre a Índia não parece viável. Se, por um lado, Pequim possui os meios para financiar projetos de infraestrutura e para movimentar setores econômicos maldivos, por outro, a distância física entre os países é uma vantagem para Nova Delhi, cuja ajuda humanitária e militar já foi necessária para a segurança das Maldivas em mais de uma ocasião.



DOI 10.21544/2446-7014.n199.p14

Indonésia e Austrália prometem maior acordo em defesa de suas histórias

Gabriela Veloso

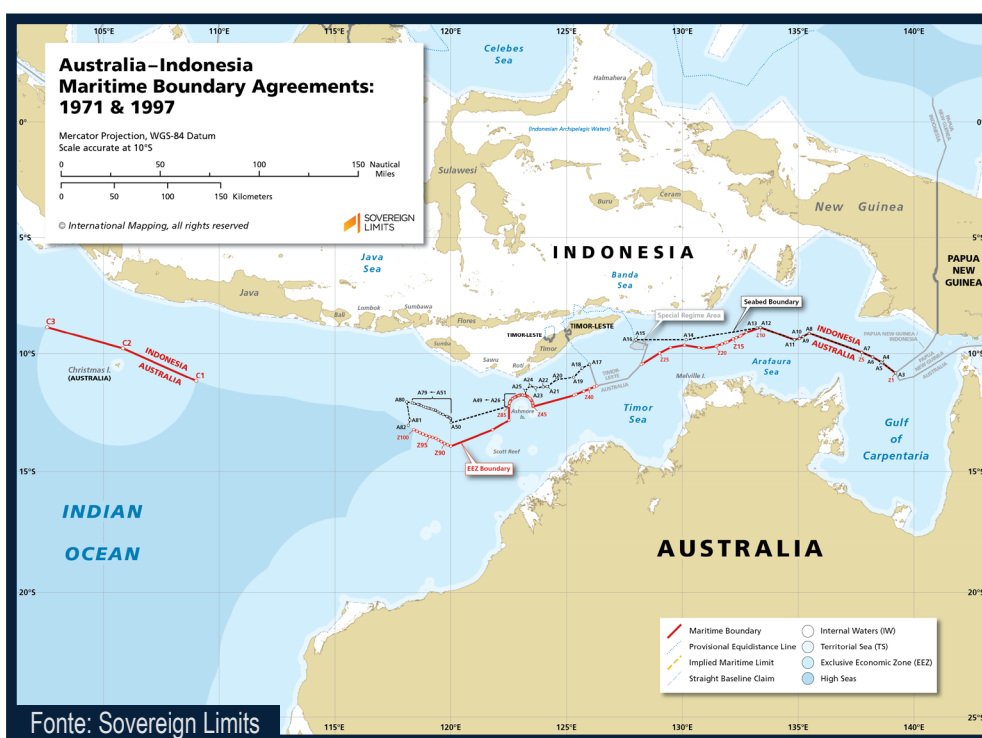
No final de fevereiro último, após uma reunião entre os ministros da Defesa da Austrália e da Indonésia, ambos os líderes alegaram estar em negociações para assinar o acordo de cooperação em defesa “mais profundo e significativo” da sua história. As relações de defesa entre Camberra e Jacarta têm uma história complexa, tendo sido marcadas por uma mistura de cooperação e desconfiança mútua, cujas tensões incluem: alegações de espionagem australiana, o uso da pena capital pela Indonésia contra infratores australianos e críticas australianas à “Pancasila” —visão de Estado indonésia estabelecida em 1945, pelo então Presidente Sukarno.

O incidente mais recente ocorreu em 2021, quando Jakarta apresentou um protesto diplomático contra a Austrália por esta postergar o fornecimento de informações sobre as atividades no acordo AUKUS, incluindo planos de aquisição dos submarinos de propulsão nuclear. Sob liderança da ministra das Relações Exteriores, Retno Marsudi, o país tem acompanhado de perto todos os movimentos australianos no domínio da defesa desde que se sentiu menosprezado pelo anúncio do acordo. A Indonésia vê o AUKUS como uma ameaça em potencial, considerando que a Austrália estará robustecendo ainda mais suas capacidades militares.

Nos dois últimos anos, a relação parece mais amigável. Desde 2022, a Austrália faz parte do exercício

militar liderado pelos estadunidenses e indonésios, o “Super Garuda Shield”, que vem se expandindo intensamente e é visto pela China como uma ameaça. A mídia estatal chinesa chegou a acusar os Estados Unidos (EUA) de construir uma aliança Indo-Pacífica como tentativa de limitar a crescente influência de Pequim na região. Nesse cenário, as lideranças australianas e indonésias anunciaram um maior investimento em Defesa nos próximos anos. Prabowo Subianto, atual presidente indonésio, deixou clara sua intenção de cooperar nessa área, reforçando sua perspectiva acerca da relevância estratégica de parcerias regionais.

Estar em um acordo de defesa especificamente com a Austrália tem vantagens para a Indonésia, visto que ambos compartilham águas comuns e enfrentam desafios comuns, como pirataria e segurança marítima, facilitando a cooperação nessas áreas. Ademais, o acordo colabora para a reconstrução de confiança entre as nações, reduzindo as tensões e promovendo estabilidade na região. Ainda, essa intensificação da cooperação militar pode ser vista como uma resposta ao avanço chinês e a suas incursões no Mar do Sul da China. O acordo também se enquadra na disputa de influência entre China e EUA, cenário que impulsiona os países da região a cooperar bilateralmente a fim de se preservar e resistir às pressões de ambas as potências, como visto em conversas recentes entre Filipinas e Vietnã.



## Cabos submarinos no contexto de conflitos: riscos à comunicação internacional

Victor Gaspar Filho

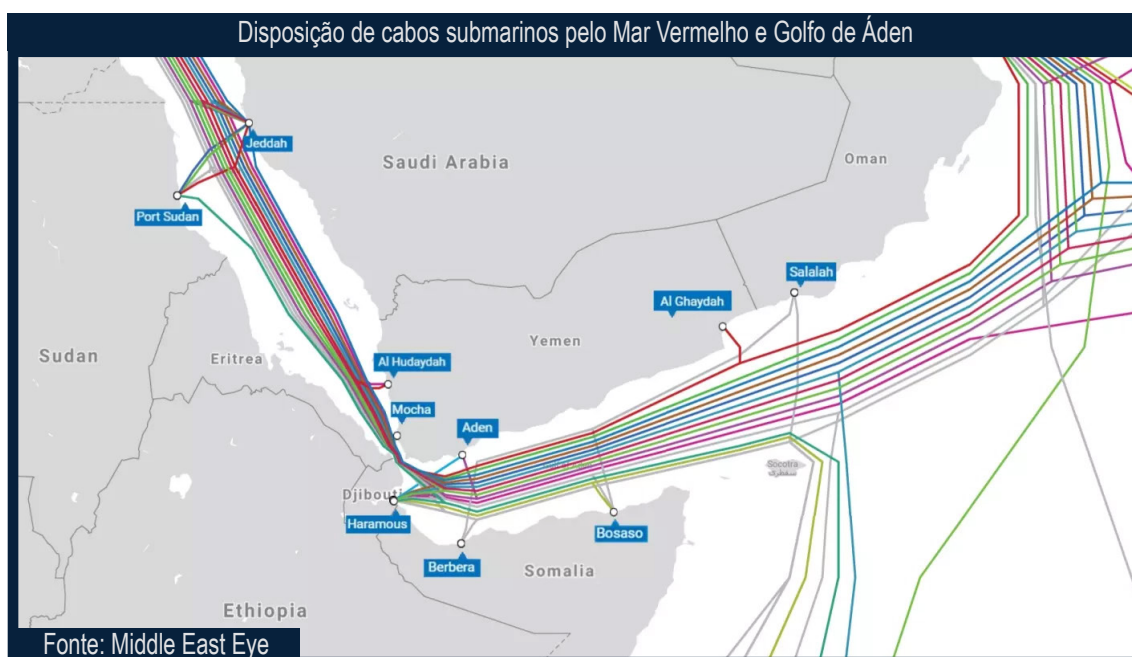
Na primeira semana de março de 2024, três importantes cabos submarinos foram danificados no Mar Vermelho, interrompendo cerca de 80% do fluxo de dados entre o Ocidente e a Ásia. A empresa responsável pela manutenção, *Seacom Ltd.*, afirma não poder determinar a razão dos danos à infraestrutura até que seja possível realizar inspeções, mas a causa provável seria o ferro (âncora) de um navio atacado pelos militantes houthis. Segundo o Comitê Internacional de Proteção de Cabos, o navio mercante “Rubymar”, com bandeira de Belize e carregando 41 mil toneladas de fertilizante, foi atingido por mísseis balísticos em fevereiro de 2024, na costa oeste do Iêmen. A embarcação foi evacuada após lançar uma de suas âncoras, e ficou à deriva por quase duas semanas antes de afundar em uma área do Mar Vermelho, que é densa em cabos.

O temor em relação a sabotagens surgiu após um grupo afiliado aos houthis compartilhar no aplicativo de mensagens *Telegram*, em dezembro de 2023, um mapa que mostra a disposição de cabos submarinos na região. Um relatório do site de notícias israelense *Globes* alega, sem evidências, que os cabos teriam sido diretamente sabotados por militantes houthis. Todavia, representantes do grupo negaram ter as infraestruturas como alvo. O percurso feito pelo cabeamento, cruzando diferentes jurisdições, torna-se um agravante para que a manutenção

seja prontamente realizada. A empresa responsável espera iniciar os reparos no segundo trimestre de 2024, mas depende de licenças para atuar em águas iemenitas.

Estima-se que o Mar Vermelho, entreposto de 12% do comércio global, abrigue também 17% do tráfego mundial de dados através dos tubos de fibra. Dos 16 cabos que percorrem a região, três fundamentais foram rompidos: *Seacom*, *Asia-Africa-Europe 1* e *Europe India Gateway*. Relatos imprecisos indicam um quarto cabo danificado, conhecido como *Tata TGN-Eurasia*, apenas outro nome para o sistema *Seacom*. A preocupação acerca desse novo campo de batalha impulsiona a criação de novas medidas de diferentes governos para que se controle o leito oceânico e se mitigue a vulnerabilidade das diferentes estruturas críticas submarinas.

Apesar do êxito em contornar as adversidades, o acontecimento sublinha a vulnerabilidade da dimensão física do ciberespaço, especialmente em águas relativamente rasas. Observa-se também uma convergência entre os pontos de estrangulamento para a navegação e as zonas mais densamente transpassadas por cabos. Tais regiões se tornam pontos de interesse, especialmente em contextos de conflitos assimétricos como o observado no Iêmen, realçando-se o potencial de dano a ser provocado por atores não estatais.





- ▶ [Geopolítica del poder militar](#)  
INSTITUTO ESPAÑOL DE ESTUDIOS ESTRATÉGICOS, Josep Baqués
- ▶ [For the US, 2024 Isn't 1973](#)  
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [Great-Power Competition Comes to Antarctica](#)  
FOREIGN AFFAIRS, Elizabeth Buchanan
- ▶ [Reimagining Geopolitics in the Age of AI](#)  
RUSI, Kenneth Payne
- ▶ [Countering China's Military Strategy in the Indo-Pacific Region](#)  
RAND, Caitlin Lee

## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: José Araujo e Maria Fernanda Császár

### ABRIL

Principais eventos de 01 a 11 de Abril

<p><b>01-05</b></p>  <p><b>ESTADOS UNIDOS</b> 78ª SESSÃO DA SEXTA COMISSÃO (QUESTÕES JURÍDICAS) DA AGNU</p>	<p><b>03-04</b></p>  <p><b>ÁUSTRIA</b> COP DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE ARMAS DE FOGO DA UNTOC</p>	<p><b>05</b></p>  <p><b>BRASIL</b> ENCONTRO DA FORÇA-TAREFA CONTRA MUDANÇAS CLIMÁTICAS DO G20</p>	<p><b>04</b></p>  <p><b>KUWAIT</b> ELEIÇÕES LEGISLATIVAS</p>
<p><b>08-21</b></p>  <p><b>OTAN</b> EXERCÍCIO "SEA SHIELD" NO MAR NEGRO</p>	<p><b>10</b></p>  <p><b>COREIA DO SUL</b> ELEIÇÕES PARLAMENTARES</p>	<p><b>10</b></p>  <p><b>ESPANHA</b> CONFERÊNCIA DA DÉCADA DOS OCEANOS DA ONU</p>	<p><b>11</b></p>  <p><b>ESTADOS UNIDOS</b> CÚPULA TRILATERAL EUA-JAPÃO-FILIPINAS</p>

- **Os impactos geopolíticos da criação do Porto peruano de Chancay**  
AQUINO, Marco. [Brazil eyes exports via China-controlled Chancay port. Peruvian minister says.](#) Reuters, 14 mar. 2024. Acesso em 21 mar. 2024.  
GOUVEA, Matheus. [O novo Porto chinês no Peru que pode ser porta do Brasil para Pacífico e preocupa EUA.](#) BBC, 18 dez. 2023. Acesso em 21 mar. 2024.
- **A incerteza dos Direitos Humanos no território venezuelano: o que esperar?**  
BRIEGER, Pedro. [El gobierno propone volver a trabajar con la ONU DDHH pero "sin injerencias".](#) Nodal Am, 28 fev. 2024. Acesso em: 05 mar. 2024.  
CRAVEIRO, Rodrigo. [Venezuela: Regime de Nicolás Maduro declara guerra à ONU.](#) Correio Braziliense, 16 fev. 2024. Acesso em: 05 mar. 2024.
- **A Indústria Naval como meio de competição entre Estados Unidos da América e China**  
FOROOHAR, Rana. [Shipbuilding: the new battleground in the US-China trade war.](#) Financial Times, 20 mar. 2024. Acesso em: 20 mar. 2024.  
[Department of Defense Releases the President's Fiscal Year 2025 Defense Budget.](#) U.S. Department of Defense, 11 mar. 2024. Acesso em: 20 mar. 2024.
- **Danos a cabos submarinos como fator de risco para o desenvolvimento econômico africano**  
[African internet outage was caused by subsea cable break. MainOne says.](#) Reuters, 15 mar. 2024. Acesso em: 22 mar. 2024.  
ANICHE, Uche. [How 2Africa Subsea Cable landing in Nigeria can propel regional ecosystem growth.](#) TechCabal, 01 mar. 2024. Acesso em: 22 mar. 2024.
- **A interconexão entre conflitos no Mar Vermelho e a economia do Reino Unido**  
Hooker, L. [Red Sea attacks delaying goods and pushing up costs, firms say.](#) BBC, 25 fev. 2024. Acesso em: 26 fev. 2024.  
Schomberg, W. [UK economy picks up speed but Red Sea crisis hits factories.](#) Reuters, 24 jan. 2024. Acesso em: 20 mar. 2024.
- **Instabilidade interna do Irã: atuação contra o grupo armado Jaish al-Adl**  
[Pakistan-Iran border tensions: A timeline.](#) Al Jazeera, 17 jan. 2024. Acesso em: 06 mar. 2024.  
MOTAMEDI, Maziar. [Which are the armed groups Iran and Pakistan have bombed — and why?](#) Al Jazeera, 18 jan. 2024. Acesso em: 06 mar. 2024.
- **Avanços do Azerbaijão em sua estratégia de transição energética**  
[EU steps up renewable energy cooperation with Azerbaijan.](#) European Commission, 04 mar. 2024. Acesso em: 09 mar. 2024.  
[Azerbaijan and COP29: An opportunity or a challenge?.](#) Middle East Institute, 07 fev. 2024. Acesso em: 09 mar. 2024.
- **Além da Defesa? A nova estratégia japonesa de exportação de armas**  
DOMINGUEZ, Gabriel. [Japan's eased defense export rules open door to more changes.](#) The Japan Times, 18 mar. 2024. Acesso em: 18 mar. 2024.  
BROWN, James D.J. [What samurai swords and Japan's arms exports have in common.](#) The Strait Times, 14 mar. 2024. Acesso em: 20 mar. 2024.
- **Reinserção internacional norte-coreana**  
[North Korea sends delegation to China, Vietnam, Laos, KCNA says.](#) Reuters, 21 mar. 2024. Acesso em: 23 mar. 2023.  
JINGTAO, Shin. [Chinese, North Korean officials vow to boost strategic ties in Beijing talks.](#) South China Morning Post, 22 mar. 2024. Acesso em: 23 mar. 2024.
- **A disputa sino-indiana nas Maldivas e sua implicação para a Região do Oceano Índico**  
FERNANDES, Jocelyn. [Maldives President Muizzu has a change of heart, calls India 'closest ally', seeks debt relief.](#) Mint, 23 mar. 2024. Acesso em: 23 mar. 2024.  
TRAVELLI, Alex; MOHAMED, Maahil. [The Maldives Is a Tiny Paradise. Why Are China and India Fighting Over It?.](#) The New York Times, 05 mar. 2024. Acesso em: 08 mar. 2024.
- **Indonésia e Austrália prometem maior acordo em defesa de suas histórias**  
JATMIKO, Andi; KARMINI, Niniek. [Indonesia and Australia hold defense talks as both nations move toward signing a security agreement.](#) AP News, 23 fev. 2024. Acesso em: 08 mar. 2023.  
REUTERS. [Indonesia, Australia to sign defence pact within months, Australia says.](#) Reuters, 23 fev. 2024. Acesso em: 08 mar. 2023.
- **Cabos submarinos no contexto de conflitos: riscos à comunicação internacional**  
[Danos a cabos submarinos de telecomunicação no Mar Vermelho levantam suspeitas de sabotagem dos houthis.](#) O Globo, 04 mar. 2024. Acesso em: 09 mar. 2024.  
HATEM, Mohammed; SOLON, Olivia. [Houthi-Sunk Ship's Anchor Likely Severed Sea Internet Cables.](#) Bloomberg, 06 mar. 2024. Acesso em: 09 mar. 2024.

O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

## MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Kaike Mota

### ► ALTO RISCO:

- HAITI - Conflitos internos: [France charters evacuation flights from Haiti](#). **Reuters**, 24 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- IÊMEN - Crise estrutural e regional: [Warnings against normalising conflict as Yemen marks decade of war](#). **Al Jazeera**, 25 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- ISRAEL - Conflito regional: [Israel tells UN it will reject UNRWA food convoys into northern Gaza](#). **United Nations**, 24 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Lebanon: Hezbollah claims attack against Israeli soldiers in Kiryat Shmona](#). **Agenzia Nova**, 25 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- MAR VERMELHO - Ataque a embarcações: [Chinese Tanker Hit with Houthi Missile in the Red Sea](#). **USNI News**, 24 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- MIANMAR - Conflito interno: [Myanmar Junta Begins Summoning Civilians for Military Service](#). **The Diplomat**, 25 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Several blasts heard in central Kyiv, mayor urges residents to take shelter](#). **France24**, 25 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- SOMÁLIA - Crise estrutural: [Soldiers missing after Al-Shabaab attack in Somalia](#). **Garowe Online**, 24 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- SUDÃO - Conflito interno: [RSF rejects proposed humanitarian aid route to Darfur](#). **Africa News**, 25 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.

### ► MÉDIO RISCO:

- BELARUS - Crise regional: [Polish Border Guard: We will erect 70 meter high observation towers on the border with Belarus](#). **Agenzia Nova**, 25 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- BURKINA FASO - Crise sociopolítica: [Armed groups continue terror campaign across Burkina Faso](#). **UN News**, 21 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- EQUADOR - Crise sociopolítica: [Ecuador's youngest mayor found shot to death alongside staffer](#). **Reuters**, 24 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- GUINÉ - Conflito interno: [Le gouvernement guinéen en retraite à Kalako : “c’est un réarmement moral et patriotique” \(PM Bah Oury\)](#). **Mosaiqueguinee Guinee**, 24 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- GABÃO - Crise política: [Dialogue national au Gabon : Oligui Nguema persiste et signe](#). **Gabon Review**, 21 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- IRÃ - Instabilidade regional: [Iran, Oman denounce Israel's barbaric siege of al-Shifa hospital](#). **Tehran Times**, 25 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.

- IRAQUE - Crise regional: [US Ambassador to Iraq claims ISIS poses threat in Iraq](#). **Iraqi News**, 25 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- MALI - Crise sociopolítica: [Le gouvernement Assimi Goïta face aux délestages](#). **Financial Afrik**, 24 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- NÍGER - Crise sociopolítica: [Islamic State Claims Attack on Niger Army That Killed Dozens](#). **VOA News**, 23 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [DR Congo Facing Alarming Levels of Violence, Hunger, Poverty, Disease](#). **VOA News**, 22 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- SÍRIA - Crise regional: [11 Killed in Suspected IS Attack on Syria Truffle Hunters: Monitor](#). **VOA News**, 24 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- VENEZUELA - Crise estrutural: [Venezuelan opposition presidential candidate María Machado names substitute while she fights ban](#). **AP News**, 22 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.

► EM MONITORAMENTO:

- AFGANISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Taliban Chief Defends Islamic Criminal Justice System, Including Stoning Women for Adultery](#). **VOA News**, 24 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Instabilidade regional: [Armenian Border Villagers Oppose Land Handover To Azerbaijan](#). **Radio Free Europe**, 22 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- COREIA DO NORTE - Crise regional: [South Korea Starts Ship-Launched Ballistic Missile Development](#). **Naval News**, 25 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [Presidente Bukele anuncia Cerco Chalatenango Sur para erradicar a la pandilla 18 Sureños](#). **Diario El Salvador**, 24 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- ETIÓPIA - Crises internas: [IMF Team in Ethiopia for Funding Talks as Debt Deadline Looms](#). **Bloomberg**, 21 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- GUIANA E VENEZUELA - Disputa regional: [Venezuela aprueba una ley para anexionar el Esequibo que Guyana considera una grave amenaza](#). **El País**, 23 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- ÍNDIA - Instabilidade social: [Violence casts shadow over LS poll campaign in strife-torn Manipur](#). **Hindustan Times**, 23 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- LÍBIA - Instabilidade sociopolítica: [At least 65 migrants found in mass grave](#). **DW**, 22 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [Philippines summons Chinese envoy over latest reef clash](#). **DW News**, 25 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- MOÇAMBIQUE - Instabilidade entre governo e forças insurgentes: [Quissanga and Quirimba Island retaken by Mozambique armed forces](#). **Defence Web**, 24 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- NICARÁGUA - Instabilidade sociopolítica: [US imposes sanctions on Nicaragua's attorney general](#). **Reuters**, 21 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- NIGÉRIA - Crises internas: [137 school children kidnapped by gunmen in Nigeria released, undergoing 'psychosocial counseling,' official says](#). **CNN**, 25 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [An Economy Perpetually in Crisis Is Shredding Pakistan's Middle Class](#). **The Wall Street Journal**, 24 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA - Instabilidade sociopolítica: [US security company challenges Wagner group's hegemony in its African stronghold](#). **El País**, 20 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- SENEGAL - Instabilidade política: [Senegal's Bassirou Diomaye Faye takes early lead in presidential election](#). **Al Jazeera**, 25 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- SELVA DE DARIÉN - Crise migratória: [Chasing Clicks in the Jungle: Right-Wing Influencers Descend on the Darién Gap](#). **The Guardian**, 20 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- SÉRVIA E KOSOVO - Instabilidade regional: [Serbia May Quit Council of Europe If Members Let Kosovo Join](#). **Bloomberg**, 23 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.
- TAIWAN - Disputas regionais: [Taiwan detects 7 Chinese naval ships, 5 military aircraft around nation](#). **The Economic Times**, 25 mar. 2024. Acesso em: 25 mar. 2024.